

## **Professor Câmara**

*J. Roberto Whitaker Penteado*

*Que tragédia seria se os jovens sáíssem das escolas sem a capacidade de duvidar. - Clarence Darrow (1857-1938)*

A citação que abre o artigo é uma variação de algo muito importante, que eu aprendi na prática, como aluno do curso secundário do Instituto Carlos Alberto Werneck, de Petrópolis, com alguns de seus professores: que a missão do verdadeiro mestre não é de inculcar certezas, mas de criar dúvidas criativas.

Meu querido amigo Gerardo Brito Raposo da Câmara morreu bem velhinho, em janeiro passado. Foi enterrado envergando sua roupa de jogging e um quase cômico chapéu de tenista – pois era o que vestia, nos últimos dez anos, passeando sua aposentadoria pelo calçadão de Copacabana. Ao ter o seu caixão alçado à gaveta que lhe cabia, no São João Batista, ganhou palmas dos parentes e dos amigos – estes, na maioria, antigos alunos. Foi meu primeiro enterro com aplausos.

Quando o conheci, há mais de 50 anos, no Werneck, certamente ele não imaginava se ver nem morto sem sua gravata escura e o terno cinza. Acredito que devia ser porque, entre os nossos sisudos mestres da época, era um dos mais jovens – e queria aparentar mais idade.

Professor era seu segundo emprego. O primeiro era de conservador, no Museu Imperial – o melhor museu do Brasil. Dava aulas de história, mas eu e os meus colegas que ainda estamos vivos e nos encontramos de vez em quando costumamos dizer que ele nos deu aulas de vida, fingindo ensinar história.

Adorava o que fazia e amava os jovens, ainda que nunca tivesse casado e tido filhos. Magro, oclinhos de grau sobre o nariz adunco, foi recebido pela nossa turma de segundo científico com um disfarçado coro de Omo-Oooooooooomo – que reproduzia (hoje sei) um teaser criado para o lançamento do sabão em pó que ainda faz sucesso. O Câmara percebeu, bem-humorado, que a bizarra associação o ajudaria a marcar presença nas aulas – e o resto ficaria por conta de tornar-se amigo de cada um de nós, como se tornou.

Naqueles anos 50, era inusitado que um professor falasse de conseqüências, de causas remotas e imediatas dos fatos históricos; e mais ainda que se confessasse, com freqüência, perplexo, diante dos assuntos que tratava conosco, assim como dos acontecimentos sociais e políticos daqueles tempos. Dava notas baixas a todos, igualmente, e atribuía aos seus testes cuidadosamente mimeografados graus como 6,7 ou 3,9... mostrando que cada décimo devia ser duramente conquistado.

Uma vez, fizemos o que se chamava de molecagem: subtraímos de sua pasta a prova que ia dar na classe seguinte. Mas o crime foi descoberto, porque o colega a quem passamos o papel resolveu ditar as questões a todos... e um bedel percebeu. O Câmara anulou a prova, mas, em vez de denunciar-nos à direção, telefonou para minha casa e pediu que o grupo fosse visitá-lo no Museu. Fomos, cabisbaixos, ouvimos as razões pelas quais não deveríamos fazer aquilo de novo e saímos – todos, ele inclusive – para um chope.

Do mestre que partiu - tendo-me ensinado cedo a duvidar - ficou-me, entretanto, a certeza de era um raro e grande sujeito.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=15&ID=509>>. Acesso em: 23 jul. 2009.